

INTRODUÇÃO*¹

Maria Inês Bomfim
Sonia Maria Rummert

O Grupo de Pesquisa *EJATrabalhadores- EJATrab* (NEDDATE-UFF/CNPq), da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense-UFF, tem sua gênese nas atividades desenvolvidas, desde 1998, pelo Grupo de Estudos *Políticas de Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores*². Nossas reflexões, voltadas prioritariamente à análise das políticas de educação e à reconstrução histórica de iniciativas do Estado, compreendido como expressão da correlação de forças do Trabalho e do Capital no âmbito da Educação de Jovens e Adultos-EJA, têm como finalidade estimular a compreensão das questões educacionais a partir de seus nexos com a sociedade e as classes fundamentais que a constituem.

Ao nos voltarmos especificamente para a educação da classe trabalhadora, ressaltamos a riqueza do processo de constituição do indivíduo como ser social e, como tal, histórico. É vivendo em sociedade que o indivíduo faz parte do gênero humano. No caso brasileiro, uma sociedade marcada pela cultura do autoritarismo que tenta frear a mudança histórica comprometida com os direitos de cidadania da maioria, como a educação, a cultura, a arte, a memória, dentre tantos outros.

Compreendemos que nas sociedades capitalistas, a conquista de direitos decorre da luta de classes. Direitos sociais para todos não interessam à burguesia, especialmente em períodos de recessão. Em certas circunstâncias, ela os tolera, mas o esforço é o de limitá-los ou suprimi-los. A finalidade é impedir que as massas populares reivindiquem, façam política e criem a verdadeira democracia. Entretanto, esse é um processo contraditório e dinâmico, com avanços e recuos, considerando o antagonismo estrutural entre a universalização da cidadania e a lógica de funcionamento do sistema capital. (COUTINHO, 2000).

A degradação da democracia liberal brasileira depois de mais um golpe, em 2016, e da ascensão do protofascismo³ (FONTES, 2019, p. 1) com as eleições de 2018, expressam

*DOI – 10.29388/978-65-81417-74-1-0-f.11-18

¹ A publicação deste livro foi viabilizada com recursos do CNPq.

² A produção do Grupo, seus participantes e projetos desenvolvidos estão disponíveis no site: <http://ejatrabalhadore.sites.uff.br/>. Acesso em: 05 ago. 2022.

³ Outros autores, como Armando Boito Junior, optam pelo uso do termo neofascismo.

mais uma tentativa autoritária de abafar as tensões e as contradições estruturais da sociedade. Para tanto, seria necessário destruir conquistas dos trabalhadores, devastar instituições públicas, negar a história, a ciência e a cultura.

A doutrinação ideológica desse projeto político vem servindo de alicerce para a falsificação do processo histórico, para o elogio à truculência, bem como para a constituição de uma estética que defende uma sociedade constituída de brancos, heterossexuais e cristãos, na qual entendimentos diferentes devem ser eliminados.

O que há é um projeto explícito e já em curso de destruição dos espaços de dissensão e de debate, e um enrijecimento frente a quaisquer reivindicações de teor popular. A velocidade e a profundidade desse enrijecimento dependem de elementos ainda não total e diretamente controlados pelo governo, tais como o parlamento, os dispositivos constitucionais, a atuação dos governadores, a posição do STF e das múltiplas formas de resistência e enfrentamento populares (FONTES, 2019, p. 1).

Lembremos que a “[...] ideologia que empolga o aparelho estatal numa sociedade capitalista, num determinado momento histórico, é expressão ideológica das relações sociais daquele sistema, em especial do estabelecimento da relação de domínio das suas frações dominantes.” (CARDOSO, 1977, p. 74). Por isso mesmo, os trabalhadores docentes, em geral, são agora inimigos preferenciais, responsáveis pela propagação de ideias incompatíveis com a “ideologia da nação”. Nada mais conveniente para manter a ordem do que a chamada “teologia da prosperidade”, apregoada por determinados setores neopentecostais revestida da

[...] apologia do consumo, que incorpora e propaga as teses neoliberais mais radicais, como a da meritocracia apresentada como valor, em oposição ao que denominam de ‘vitimismo’ dos beneficiários de diferentes políticas sociais específicas, apresentados como os que, na realidade, sangram os recursos de quem é próspero e sustenta a nação. Defende-se, assim, outra cisão na sociedade: entre vencedores e perdedores, introjetada no ideário educacional pela apologia do empresariamento individual (RUMMERT, 2018, p. 391).

A deterioração democrática brasileira, com perda substantiva de direitos, não seria possível sem as reformas ultraliberais implementadas desde 2016, ainda no Governo Michel Temer⁴ e, depois de 2019, no Governo Jair Bolsonaro. Conexões entre tais reformas e o fascismo, que os limites desta Introdução não permitem aprofundar, merecem

⁴ Por exemplo, a EC 95/16, conhecida como a emenda do teto dos gastos.

destaque. Conjugadas à pandemia do *SARS-Cov2*, a partir de 2020, tais reformas trouxeram para a classe trabalhadora mais desemprego, fome, intensificação do trabalho simples e precário, além de mortes evitáveis, em virtude da criminosa inércia do governo federal no combate ao novo coronavírus.

Nesse contexto, as atuais formas do trabalho incluem os novos proletários precarizados do setor de serviços, destituídos integralmente de direitos sociais, com marcante traço geracional (juventude). Para uma grande massa de trabalhadores, restam ou o desemprego completo ou o privilégio da servidão (ANTUNES, 2018), em virtude da necessidade de sobreviver, quadro que não favorece a ação sindical, alvo de refluxo acentuado. É relevante destacar que o processo de precarização do trabalho via plataformas digitais – que já vinha avançando no mundo inteiro para diversas profissões, inclusive as de alta qualificação como política da grande burguesia internacional – encontrou na pandemia da COVID-19 condições perfeitas e específicas de multiplicação no Brasil. Aqui, o mercado de *delivery online* cresceu 250% entre março e junho de 2020, em comparação ao mesmo período do ano anterior.⁵

Não sem motivo as políticas destinadas à EJA sofreram retrocessos significativos, ampliando, entre outras práticas altamente predatórias aos interesses da classe trabalhadora: o investimento diferenciado e insuficiente na modalidade; o aprofundamento da prática de encerramento de turnos e turmas, a ênfase na educação a distância; a substituição da EJA por programas aligeirados e precários que associam uma falsa elevação de escolaridade com formação profissional e arranjos escolares denominados de “programas de aceleração”. Em suma, diferentes esferas do Estado abdicaram de suas responsabilidades constitucionais, “[...] agindo como verdadeiros indutores da desescolarização dos jovens e adultos trabalhadores.” (RUMMERT, 2019, p. 389).

Diante desse quadro sombrio, para além da não naturalização da tragédia social vivida no Brasil, o Grupo EJATrab vem priorizando a reflexão, no âmbito da sua especificidade, sobre formas de organização e luta, sustentadas tanto na apreensão da concepção de fundo (de ordem ontológica, epistemológica e metodológica) que caracteriza o materialismo histórico, como na compreensão da prática educativa como uma atividade mediadora no interior da prática social. (SAVIANI, 2020, p. 13).

⁵ Segundo dados da consultoria Food Consulting. Ver: <https://dcomercio.com.br/categoria/negocios/como-o-ifood-transformou-o-delivery-em-2020>. Acesso em: 05 ago. 2022.

Imbuído(s) dessa concepção, trata-se de penetrar no interior dos processos pedagógicos, reconstruindo suas características objetivas e formulando as diretrizes pedagógicas que possibilitarão a reorganização do trabalho educativo sob os aspectos das finalidades e objetivos da educação, das instituições formadoras, dos agentes educativos, dos conteúdos curriculares e dos procedimentos pedagógico-didáticos que movimentarão um novo *éthos* educativo voltado à construção de uma nova sociedade, uma nova cultura, um novo homem (SAVIANI, 2020, p. 13).

A VIII *Jornada do EJAtrab*, realizada nos dias 24 e 25 de novembro de 2020, buscou enfrentar um dos temas mais desafiantes e menos estudados no campo das pesquisas em EJA, sob o referencial acima indicado: *Educação de Jovens e Adultos e Formação Humana: cultura e arte*, reconhecendo que, sob o capitalismo, o ambiente é “hostil” à criação artística. “Entretanto, longe de ver nisso um impedimento para a criação e fruição estética, Marx [...] via na arte uma função social esclarecedora, como apreendia na atitude realista do artista a posição de combate a ser assumida pela grande arte.” (REIS, 2015, p. 110).

O objetivo da VIII Jornada foi promover o encontro entre educadores que, sob formas diversas, vêm pesquisando e atuando nas áreas da cultura, arte e seus gêneros expressivos, oferecendo subsídios àqueles que, apesar de distantes desses campos, pudessem refletir sobre a sua potência na formação de trabalhadores.

Este livro registra diálogos realizados ao longo da Jornada em torno da cultura, da arte e da formação humana, com destaque para as artes plásticas, o cinema, a literatura, o teatro, a música e a fotografia, cabendo agradecimento especial à Professora Olinda Evangelista, da UFSC, criadora do bordado repleto de sensibilidade apresentado na capa deste livro. Tratou-se, em momento de crise profunda, de

[...] reafirmar a necessidade ontológica da arte para o desenvolvimento humano, bem como defender uma educação escolar voltada à socialização das grandes objetivações humanas nas esferas da ciência, da arte e da filosofia (FERREIRA; DUARTE, 2012, p. 115-126).

Vivemos atualmente, como já assinalamos, tempo histórico-social de grandes adversidades, agudizadas pelo protofascismo instaurado no Brasil. Nesse contexto, a cultura, como rica e complexa expressão de concepções de mundo, de modos de vida e de modo de produção, assim como a arte, em suas múltiplas formas de manifestação, vem sendo fortemente atacadas. Tal ataque, tanto no âmbito de instituições específicas quanto na vida cotidiana, visa a corromper ou aniquilar valores e manifestações que trazem a

marca das lutas por transformações estruturais da realidade. Resistir a este ataque, portanto, constitui um trabalho necessário e urgente em todos os espaços sociais.

Assim, no âmbito específico da Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores, a VIII Jornada e este livro pretenderam convidar os profissionais da educação a conhecer e diversas possibilidades de resistência e a refletir sobre elas. Não se objetiva, entretanto, adentrar os meandros particulares da disciplina Educação Artística, também essa desconsiderada na modalidade de ensino que constitui nosso objeto de estudo e ação.

O que se pretende é trazer para o debate diferentes possibilidades de ação, dentro e fora do universo escolar, comprometidas com o amplo e desafiador processo de formação humana, por entendemos, como Gramsci,

[...] que a arte é sempre ligada a uma determinada cultura ou civilização, e que – lutando para reformar a cultura – consegue-se modificar o ‘conteúdo’ da arte, trabalha-se para criar uma nova arte, não a partir de fora (pretendendo-se uma arte didática, de tese, moralista), mas de dentro, já que o homem inteiro é modificado na medida em que são modificados seus sentimentos, suas concepções e as relações das quais o homem é expressão necessária (GRAMSCI, 2002. p. 35).

A partir da compreensão da cultura e da arte como campos indissociáveis e essenciais na formação humana, foram reunidas contribuições de diferentes estudiosos e artistas. Tal reunião se pautou não na busca de uma unidade teórico-metodológica, mas na fundamental partilha da convicção de que a sociedade de exclusão e arbítrio em que vivemos requer profunda transformação. Essa convergência é fundamental para lutas consequentes e atravessa os capítulos do livro.

No Capítulo 1, “Estética e cultura artística. Apontamentos sobre arte e formação humana”, Ronaldo Rosas Reis aborda as artes plásticas, analisando como essa realização cultural está historicamente integrada à práxis social dos nossos antepassados e à nossa própria na atualidade. O método de análise é o da ontologia crítica nos termos indicados originariamente por Marx e Engels, e posteriormente, desenvolvido pelo filósofo húngaro György Lukács.

Marcia Soares Alvarenga é a autora do Capítulo 2, “Leitura e literatura na educação de jovens e adultos trabalhadores”, abordando a literatura na EJA a partir de estudos de Lukács e Antonio Gramsci. O enlace entre literatura e Educação de Jovens e Adultos

trabalhadores envolveu o desafio de buscar na linguagem literária a relação entre a literatura, vida social e educação.

“Produção, exibição e distribuição cinematográfica no Brasil: breves apontamentos históricos” é o tema do Capítulo 3, de autoria de Adriana Barbosa da Silva. Nele, com base em uma linha do tempo do cinema no Brasil, a autora recupera ações oriundas do Estado e, nele, da sociedade civil desde a década de 1930, problematizando as relações entre cinema e educação, alteridade e política, com destaque para o potencial do cinema na EJA.

No Capítulo 4, “Teatro do Oprimido: mercadoria x vida”, Geo Britto convida os leitores a conhecer a proposta de Augusto Boal em relação à forma de se trabalhar a cultura, a arte e, mais especificamente, o teatro. O autor usa a experiência vivida, a própria práxis teatral da formação de Boal, para apontar a permanente contradição inerente à relação entre vida e mercadoria sob o capitalismo.

Luis Baltar é o autor do Capítulo 5, cujo título é “Como a fotografia humanista se reinventou na favela”. Discutindo o conceito de fotografia humanista, com base na percepção de mudança social e no interesse pelo ser humano em sua vida cotidiana, revela as trajetórias dos fotógrafos Henri Cartier-Bresson e João Roberto Ripper em comunidades cariocas e o sentido de projetos populares de fotografia, como o da Escola de Fotógrafos Populares da Maré.

O Capítulo 6 o “Direito à leitura literária na Educação de Jovens e Adultos”, de autoria de Amanda Guerra de Lemos, busca afirmar a importância da luta por uma Educação de Jovens e Adultos que tenha em seus pilares o direito dos trabalhadores e trabalhadoras a uma formação plena, que não pode prescindir da fabulação, do sonho, da leitura crítica, da fantasia, evidenciando a importância da leitura literária na EJA como um direito e possibilidade de humanização, referindo a Antônio Cândido.

Luciana Requião, autora do Capítulo 7, traz o tema “Os sentidos da música na EJA: experiência, memória, expressão e forma”. A autora problematiza o lugar da música nas licenciaturas, defendendo sua potencialidade, na Educação de Jovens e Adultos, colaborando para o desenvolvimento de uma compreensão crítica sobre a produção cultural, observando a cultura como constituinte do ser social e localizando a cultura hegemônica como expressão da dominação de classe.

Finalmente, no Capítulo 8, Henrique dos Santos Pacheco propõe a discussão do “Princípio educativo da música na EJA: a práxis docente em Geo-história no Centro de

Referência de Educação Municipal de Idosos de Itaboraí (CREMII)”. Reafirmando o compromisso com a formação humana que visa à transformação social, mediada por uma práxis que explora suas dimensões política, estética e social, o autor detalha experiência realizada com a inclusão da arte musical nas aulas de Geo-história que atenda aos temas fundamentais para a formação de trabalhadores.

Esperamos que o contato com este livro propicie reflexões acerca de temas no mais das vezes ausentes das propostas e práticas inerentes à Educação de Jovens e Adultos Trabalhadores, convidando a ações que enlacen de forma mais ampla e transformadora as práticas educativas em curso no âmbito escolar e em outros múltiplos e ricos espaços educativos da sociedade brasileira.

Referências

ANTUNES, R. **O privilégio da servidão**: o novo proletariado de serviços na era digital. São Paulo: Boitempo, 2018.

CARDOSO, M. L. **Ideologia do Desenvolvimento**. Brasil: JK e JQ. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

COUTINHO, C. N. **Contra a Corrente**: Ensaio sobre democracia e socialismo. São Paulo, Cortez, 2000.

FERREIRA, N.; DUARTE, N. As artes na educação integral: Uma apreciação histórico-crítica. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 6, n. 3, p. 115–126, 2012. Disponível em: <https://periodicos.fclar.unesp.br/iberoamericana/article/view/5006>. Acesso em: 21 nov. 2021.

FONTES, V. O profascismo. arranjo institucional e policialização da existência. **Marxismo21**, São Paulo, p. 1-8, 08 dez. 2019. Disponível em: <https://marxismo21.org/wp-content/uploads/2017/05/Virg%C3%ADnia-Fontes-O-protofascismo-%E2%80%93-arranjo-institucional-e-policializa%C3%A7%C3%A3o-da-exist%C3%Aancia.pdf>. Acesso em: 10 nov. 2021.

GRAMSCI, A. Caderno 21 – Problemas da cultura nacional italiana. Literatura popular. *In*: COUTINHO, C. N.; NOGUEIRA, M. A.; HENRIQUES, L. S. (orgs.). **Cadernos do cárcere**. Literatura. Folclore. Gramática. v. 6. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 31-59.

REIS, R. R. Ideologia e educação estética no cinema. **Crítica Marxista**, [on-line], v. 41, p. 105-122, 2015. Disponível em: https://www.ifch.unicamp.br/criticamarxista/arquivos_biblioteca/artigo2017_02_15_10_48_30.pdf. Acesso em: 05 ago.2022.

RUMMERT, S. A Educação de Jovens e Adultos da classe trabalhadora sob o fogo cruzado da Pedagogia do Medo. **Educação**, Porto Alegre, v. 42, n. 3, p. 387-395, set./dez. 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/faced/article/view/33784>. Acesso em 05 ago. 2022.

SAVIANI, D. Crise estrutural, conjuntura nacional, coronavirus e educação – o desmonte da educação nacional. **Revista Exitus**, [S. l.], v. 10, n. 1, p. e020063, 2020. Disponível em: <http://www.ufopa.edu.br/portaldeperiodicos/index.php/revistaexitus/article/view/1463>. Acesso em: 5 ago. 2022.

SAVIANI, D. Pedagogia Histórico-Crítica como teoria pedagógica marxista. In: CONFERÊNCIA DO CURSO PEDAGOGIA HISTÓRICO CRÍTICA: CIÊNCIA, CURRÍCULO E DIDÁTICA, 2021. **Anais [...]**. Campinas: UNICAMP, 2021. p. 1-16. Disponível em: <https://www.histedbr.fe.unicamp.br/agenda/cursos/8457/8442>. Acesso em: 21 set. 21.